

*Adivinhava-se ser a noite longa. São sempre quando há provas deste género. Difíceis de antecipar o resultado. Há algumas provas que são previsíveis, sabemos como vão começar, as dificuldades que vamos ter, e como vão acabar. Os triatlos longos são diferentes. A incerteza instala-se e, mais ainda, a ansiedade toma conta de nós.*

*E assim aconteceu. Já o tinha sentido no half de Cascais, o primeiro, e agora em Lisboa, o segundo. Ainda me tentei mentalizar. Calma, trata-se do segundo, já fizeste um, já sabes o que se vai passar, não pode ser assim tão diferente.*

*Não consegui dormir quase nada. E quando digo “quase” estou a ser otimista porque em boa verdade acho que não dormi nada.*

*Uma vez que não conseguia dormir, também me levantei cedo da cama. Eram cerca de 5:00 da manhã. Tinha tudo preparado: equipamento, pequeno almoço, sítio onde estacionar o carro, roupa seca para me mudar quando terminasse a prova, tudo. Não consegui comer muito, cereais, leite, iogurte.*

*Como já referi em crónica anterior, um triatleta tem que ser organizado, metódico e exigente. Tudo preparado com pormenor.*

*Enviei uma mensagem ao meu grande amigo Rogério. Estava acordado e pronto para a “caçada”, como nos costumamos referir nas provas longas. É uma forma de auto-motivação.*

*Era péssima a previsão para o estado do tempo. Chuva intensa, vento forte, redução da temperatura. Nunca tinha competido nestas condições. Afinal nem tudo era igual, aí estava uma variante em relação ao half de Cascais. Nem na Maratona de Paris, corrida no início de Abril, estava a chover. Antecipava um dia difícil.*

*Quando fomos para o primeiro segmento já chovia. Pouco, mas chovia. Estava frio. Tentámos aquecer mas com poucos resultados. Optámos por não entrar na água previamente para não arrefecer ainda mais. Acho que foi a atitude correta. Fomos chamados para a água às 8:05h. Estivemos 10 minutos à espera para iniciar a prova. Esta espera ainda contribuiu mais para o arrefecimento.*

*O segmento de natação correu bem. Excetuando encontrão daqui, pézada dali (leveei um pontapé nos óculos, mas não saíram do sítio, ótimo), nada de novo. A meio tive duas caibras nos gémeos, o que me obrigou a nadar apenas com os braços. Fiquei aflito. Felizmente lá foram passando, e na parte final já estava outra vez em condições de usar as pernas. Era a primeira vez que nadava naquele tanque, gostei. É preciso ter apenas em atenção a rampa no início da prova, escorrega.*

*A primeira transição foi demorada. Levava por baixo do wetsuit o equipamento do Clube, mas sentia que era pouco. Iria ter frio. Perguntei ao Seixas o que iria vestir. Optei por usar um jersey por cima do trisuit. Mais uma vez acho que foi a opção certa. Mesmo que ficasse molhado, estaria quente. Estava pronto para o segmento. Olhei em redor. O filho do Mories estava à espera do pai que ainda não tinha acabado a natação. Fiquei sensibilizado. Espírito familiar e de equipa! É isto o triatlo.*

*O segmento de bike. Que adjetivos usar para o qualificar? Diluviano, ciclónico, perturbador. O vento sabia bem na ida, quase não pedalávamos para velocidades acima dos 40kms/h. No regresso, o revés. O esforço era grande e a velocidade pequena. Foram 90 kms penosos. Cada minuto que passava o vento aumentava, a chuva escorria pelo corpo. Já não havia nada seco.*

*Os sapatos de encaixe “reclamavam” de tanta água que já tinham. Comi as 4 bananas que tinha levado, gel e marmelada. Com isto não senti fome.*

*Na última volta da bike instalou-se-me a dúvida. Sentia algum desânimo. Não iria conseguir melhorar o meu tempo de Cascais, não havia público a incentivar os atletas, estava gelado e o Sméagol que há dentro de nós insistia: o que fazes aqui, porque não vais para casa tomar um banho quente? Abrandei em direção à berma, disposto a desistir. Olhei para o Garmim e vi 70 kms já percorridos. Fiz uma reflexão rápida. Não podia abandonar. Seria ceder ao mais fácil. Não é assim que pensa um triatleta. Ainda tinha energia, orgulho e muita vontade de vencer. Consciencializei-me de que o tempo final não seria relevante. Dei uma pedalada forte, em raça. Esta seria uma “prova de raça”, como viria nessa tarde a escrever-me o Humberto.*

*Última parte, a corrida. Coloquei a bicicleta no parque e olhei uma vez mais para o tempo. Continuava a chover. Decidi tirar o jersey que tinha vestido para o segmento de bike, e fiquei apenas com o trisuit do Clube. Tirei também as meias. Estavam completamente ensopadas. Esta não foi uma boa opção, fiquei com os pés feridos.*

*Toda a Expo estava alagada, enlameada. A chuva caía ininterruptamente. Os telheiros na zona dos restaurantes debitavam um caudal de água como raramente se vê. O vento soprava impiedosamente. Perguntei-me que mal fizemos aos “céus” para estarem aqueles atletas a sofrer tanto! Muitos arrastavam-se em esforço, já só queriam terminar. Hipotermia era uma palavra que começava a ouvir-se em silêncio. Cruzei-me com os nossos (Araújo, Quaresma, Silva, Horta, Cruz, entre outros), sempre com aquele espírito que nos caracteriza: sinceros, incentivadores, perseverantes. Palavras de afeto, de entreaajuda, saíam das suas bocas. Só quem lá está percebe o valor dessas palavras, desse olhar. O Pedro Quaresma incentivava-me: “vais bem, vais bem”. O Pedro Caeiro estoicamente lá estava, à chuva, a apoiar-nos. Obrigado Pedro, não esquecerei.*

*A última volta da corrida foi feita com muito esforço. Na cara dos atletas estava estampado o “pedido do condenado”: deixem-me terminar consciente. Eu estava a correr na casa dos 5:00 min/km. Apareceu o meu grande amigo Miguel Santos Costa. Parecia enviado pelos anjos. Correu comigo alguns kms, o que me deu alento em manter o ritmo. É bom ter companhia nesta altura. Conversámos sobre as dificuldades da prova. Quando se foi embora, baixei o ritmo. Estava cansado, farto de água.*

*A alegria de saber que ia terminar sobrepôs-se ao sofrimento. Sabia que a minha família iria estar presente, com aquele carinho que nos acompanha durante a prova toda. Os meus filhos e a minha mulher chamaram pelo meu nome, percebi que estavam comigo. Foi o que mais queria ouvir. Sem eles nada disto faz sentido. “Isto é para vós”, gritei em silêncio. Iria conseguir transpor a prova mais dura que alguma vez fiz e que dificilmente se repetirá.*

*Dirigi-me a uma das tendas de apoio, troquei de roupa e amavelmente me deram um chá bem quente e uma manta. O meu filho deu-me o casaco dele. Soube-me para a vida.*